

VAMIREH CHACON

Sentido de uma visita

A Venezuela e a Colômbia, sem analogias excessivas, passaram por amargas experiências ditatoriais, a ponto de muito contribuírem para o amadurecimento das suas democracias.

Quase simultaneamente subiram ao poder em Caracas e Bogotá os generais Gustavo Rojas Pinilla e Marcos Pérez Jiménez, de triste memória. Entre os então recentes presidentes constitucionais figurava Rômulo Betancourt, que viria a desempenhar importante papel na resistência à ditadura.

Dois grandes partidos ressurgiram com a democratização, a democracia-cristã da "Copei" e a social-democracia da "Acción Democrática", este último o partido mais próximo de filiação à Internacional Socialista presidida por Willy Brandt.

Passaram a revezar-se no poder, embora espontaneamente e sem a simetria pré-fabricada dos liberais e conservadores da Colômbia. Portanto, encontrando acolhida amistosa por parte da população a se politizar.

Os vários governos venezuelanos sempre tiveram importantes pontos em comum, como por exemplo a defesa dos direitos humanos, onde quer que estivessem ameaçados. A riqueza petrolífera da Venezuela dá ao país uma certa autonomia de vôo político, pairando sobre as pressões internacionais. Algo muito difícil hoje em dia, num mundo tornado pequeno.

A fraqueza da Venezuela não encontra-se na área social.

Vem demorando a assimilação dos setores sociais marginalizados, apesar de todos os esforços. Ainda existem muitas áreas residenciais deterioradas enfeitando o belo rosto das suas cidades modernizadas pela nova riqueza. Um problema que requer urgente solução, para longevidade e fecundidade da experiência democrática venezuelana.

Não vamos traçar aqui o perfil do presidente Herrera Campins.

As agências telegráficas já se estão encarregando.

Dediquemos nossa atenção ao processo político envolvido.

Apresenta-se menos difícil a democracia política que a econômica e, sem esta, aquela não chega a ser social.

É também verdade que não surge melhor o desempenho das ditaduras, mas isto não significa prêmio de consolação. O que se deseja é a solução, ou pelo menos minoração, do problema.

A Venezuela tem tudo para laboratório da democracia: a fortuna espantosa do petróleo, a ocorrência doutros minérios, a solidez de dois partidos de massa, entre diversos fatores. Partidos inclusive com experientes contatos internacionais, que os venezuelanos desenvolvem não só em nível de Estado.

Neste sentido se insere a visita do presidente Herrera Campins: retribuição, sem dúvida, de uma visita, porém com um importante "mas", o do contínuo alargamento

das relações internacionais de um país que deseja amadurecer em todos os planos.

Claro que uma ascendência internacional demanda tempo.

O presidente Campins manifestou sua satisfação com as proclamações brasileiras evitando pretensões de liderança. Ele participa do mesmo ponto de vista. As lideranças modernas têm de ser, antes de tudo, morais. Stalin indagava, sarcástico, pelas divisões do exército do Papa. Elas são invisíveis, milenares, onipresentes.

Quem quiser, siga-lhe o exemplo.

No ano 2.000 provavelmente não haverá mais superpotências. A capacidade de aniquilamento recíproca ter-se-á tornado instantânea e inaudita, imobilizando a tal ponto os contendores, que acabarão se entendendo ou destruindo-se, nem que seja por acaso.

Enquanto isto, seus problemas sociais e financeiros internos estarão no auge. Diante das superpotências passarão a crescer, em breve, as potências médias, que já passaram pelos resultados funestos da tentação hegemônica, deixando-a definitivamente para trás.

Que o diga o apavorado pacifismo japonês, muito devendo seu apogeu econômico à pequena força militar com a qual despense poucos recursos e à repulsa à guerra nuclear. Um exemplo profético.

A Venezuela começa a seguir a mesma linha. Que a sua disputa com a Guiana ex-inglesa se resolva pacificamente, e Caracas será mais um modelo para o mundo. Para isto existem mediações internacionais, que precisam finalmente se tornar efetivas. Nisto o Brasil se antecipou com o estupendo trabalho do Barão do Rio Branco, sem hipérboles, quando comparado em suas dimensões com os resultados menos positivos dos que recorreram, noutras partes, às armas.

Com a Venezuela, estamos em boa companhia tanto econômica quanto política. Seus líderes têm pedigree de longa coerência democrática. Muitos estiveram no exílio, foram perseguidos e até torturados, chegando ao poder pelos caminhos pacíficos eleitorais.

O que Caracas pode e deve desejar é o aprofundamento e divulgação da sua experiência, descobrindo parceiros válidos. O Brasil dispõe de condições para a emulação construtiva. Ainda engatinhamos em nosso retorno aos canais democráticos, mas já com um considerável acervo de êxitos. Os venezuelanos bem informados sabem disto e por isto vêm aqui. A Venezuela não precisa buscar mercados para seu petróleo. Os interessados bem que sabem procurar em massa, Caracas...

O motivo da presença do presidente Herrera Campins é muito outro: ele o quis marcar simbolicamente com sua visita ao túmulo do General José Inácio de Abreu e Lima, no Recife, um herói da libertação hispano-americana, general de Bolívar, porém um proscrito da história brasileira pela sua firmeza em convicções liberais.